

OS SOFISTAS Precursos da pós-verdade?

Thatiane Santos Meneses¹³⁴

Resumo

O movimento sofista foi uma corrente filosófica da Grécia Antiga que tinha como principal característica o grande poder de persuasão. Os representantes deste movimento faziam seus discursos e atraíam vários jovens, que pagavam grandes somas não só para ouvir, mas também para aprender sobre a arte retórica, especialmente aqueles que possuíam interesse pela carreira política. Os sofistas foram muito criticados por vários filósofos de outras correntes de pensamento, a exemplo de Sócrates, que curiosamente era taxado de sofista por muitos atenienses. Os críticos alegavam basicamente que os sofistas não tinham compromisso com a verdade e que se utilizavam das emoções das pessoas para incutir nelas falsas crenças. Algo parecido ocorre hoje com a pós-verdade, termo considerado a palavra do ano de 2016, segundo o Dicionário de Oxford, definido como sendo “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal”. Este trabalho tem por objetivo levantar a discussão se os discursos dos sofistas podem ou não ser considerados como pós-verdade. Para tanto, será feita uma análise dos textos a respeito da pós-verdade e de alguns estudiosos do movimento sofista.

Palavras-chave: Pós-verdade; verdade; sofistas; crenças; emoções.

Abstract

The Sophist movement was a philosophical trend in Ancient Greece whose main characteristic was the great power of persuasion. The representatives of this movement made their speeches that attracted several young people, who paid large sums not only to listen, but also to learn about rhetorical art, especially those who were interested in the political career. Sophists were widely criticized by several philosophers from other currents of thought, such as Socrates, who was curiously called a sophist by many Athenians. Critics basically claimed that the sophists had no commitment to the truth and that they used people's emotions to instill false beliefs in them. Something similar happens today with the post-truth, a term considered the word of the year 2016, according to the Oxford Dictionary, defined as “circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and to personal belief”. This paper aims to raise the discussion whether the speeches of the sophists may or may not be considered as post-truth. To this end, an analysis of the texts regarding the post-truth and some scholars of the sophist movement will be made.

Keywords: Post-truth; truth; sophists; beliefs; emotions.

134 Advogada, Pós-graduada em Direito Civil e Processual Civil, Pós-graduada em Ensino de Filosofia, Mestranda em Filosofia da linha de pesquisa conhecimento e linguagem do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: thatianesm@hotmail.com.

Introdução

Considerada a palavra do ano de 2016 pelo *Dicionário de Oxford*, o termo pós-verdade está cada vez mais em alta. Tem até vídeo da humorista Júlia Rabello¹³⁵ publicado na plataforma do *Youtube*¹³⁶, no canal da TV por assinatura *GNT*, explicando o que seria essa tal pós-verdade. Segundo a humorista, pós-verdade seria “mais uma mentira que a gente tem afeto”. Mas afinal, o que é pós-verdade?

De acordo com o *Dicionário de Oxford*, tem-se por pós-verdade “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal”¹³⁷. Falando de forma mais clara, pós-verdade são casos contados sem muito compromisso com a verdade¹³⁸, mas que são capazes de influenciar as pessoas pela forma que age no seu emocional.

São tantos acontecimentos duvidosos que não raro nós nos pegamos fazendo o seguinte questionamento: “Será que é verdade mesmo?” Nunca a população teve tanto acesso a informações. O volume dessas informações e a velocidade com que se propaga e atualiza é tão grande que por vezes chega a assustar àqueles que não têm muito traquejo com as mídias digitais. No entanto, o conteúdo das informações não possui a confiabilidade esperada ou desejada. Por isso é que alguns analistas afirmam que estaríamos vivendo uma era da pós-verdade, pois ela nasce justamente desse excesso de informações, ou melhor, desinformações.

Matthew D’Ancona, em *Pós-verdade: a nova guerra contra a verdade em tempos de fake news* chama atenção para um fato muito alarmante, quando diz:

Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia. Mais do que nunca, a prática da política é percebida com um jogo de soma zero, em vez de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo (D’ANCONA, 2018, p. 19).

135 Júlia D’Ávila Rabello é uma atriz, comedianta, apresentadora e radialista brasileira. É conhecida pelo trabalho na internet em diversos papéis na produtora Porta dos Fundos, e também como Jaqueline na sitcom *Vai que Cola*.

136 <https://www.youtube.com/watch?v=K4JTaXs9V88>. Acesso em 13/06/2020.

137 Apostila “Pós-verdade” 2020, p. 3.

138 De acordo com o dicionário de filosofia, o termo verdade vem do latim *veritas*, *veritatis* com o mesmo sentido. Podemos distinguir duas acepções fundamentais do termo. A primeira é a acepção epistemológica, pela qual a verdade é a adequação entre a inteligência e a coisa, e se opõe ao erro. A segunda é a acepção moral, pela qual a verdade é a adequação entre a inteligência e a sua expressão manifestativa e, nesse sentido, se opõe à mentira. Fonte: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/verdade>. Acesso em 30/07/2020.

Nos últimos anos, em especial no ano de 2018 com a corrida eleitoral pela disputa presidencial, o Brasil sofreu muito com a veiculação de um grande número de notícias falsas e de toda ordem, como a existência de um suposto kit gay distribuído em escolas¹³⁹, com a pandemia da COVID-19, a falsa afirmação da existência de remédios milagrosos¹⁴⁰. O fato é que a verdade vem sendo atacada em todas as partes do mundo, como bem assevera Michiko Kakutani em seu livro *A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump*. Vejamos:

Os ataques à verdade não estão limitados aos Estados Unidos. Pelo mundo todo, ondas de populismo e fundamentalismo estão fazendo com que as pessoas recorram mais ao medo e à raiva do que ao debate sensato, corroendo as instituições democráticas e trocando os especialistas pela sabedoria das multidões. (KAKUTANI, 2018, p. 12).

Neste mesmo sentido, nos alerta Matthew D’Ancona:

As mentiras, as manipulações e as falsidades políticas enfaticamente não são o mesmo que a pós-verdade. A novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a reposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à convivência. A mentira é considerada regra, e não exceção, mesmo em democracias. (D’ANCONA, 2018, p. 34).

Essas mentiras, em nosso país, vão pouco a pouco ferindo o estado democrático de direito brasileiro por afrontarem princípios e direitos fundamentais previstos na Constituição Federal de 1988, como a dignidade da pessoa humana e a liberdade de imprensa. Os hoje chamados de “bolsominions”, ou tão somente “minions”, como são caricaturalmente identificados os eleitores mais fiéis do atual presidente brasileiro, são os responsáveis por um grande número de compartilhamento de notícias falsas de todos os tipos¹⁴¹. Ultimamente, o foco deste grupo está em espalhar notícias acerca do fechamento do STF, a cura do COVID-19 pela ingestão de drogas que já foram comprovadas cientificamente que possuem nenhum efeito no vírus, dentre tantas outras temáticas.

Podemos afirmar que o grupo político ligado ao presidente Bolsonaro é quem mais tem se beneficiado dessas mentiras ou “novas verdades” que ganham cada dia mais força perante uma população que tem aparentado paulatinamente a perda de suas crenças ou ainda entre aqueles que tem se sentido à vontade para manifestar posicionamentos que até então eram amplamente condenados, a exemplo de atos fascistas, machistas, homofóbicos, dentre outros¹⁴².

139 https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html. Acesso em 30/07/2020.

140 <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/07/04/oms-paralisa-testes-com-lopinavir-e-ritonavir-no-tratamento-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em 30/07/2020.

141 <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53003097>. Acesso em 30/07/2020.

142 <https://www.conjur.com.br/2019-out-17/tse-reabre-investigacao-uso-fake-news-massa>. Acesso em 30/07/2020.

Os sofistas e a pós-verdade

Que a pós-verdade está em uma crescente nos últimos anos nós já sabemos, mas ela seria fruto desse mundo globalizado ou sua existência já remonta muitos séculos atrás? Alguns filósofos, a exemplo de Platão e Aristóteles afirmam que os integrantes do movimento sofista não tinham comprometimento com a verdade em seus discursos. Particularmente não compartilho desta visão, ousou até afirmar que os sofistas foram, de certa maneira, incompreendidos. Mas voltando a questão da pós-verdade, poderiam os sofistas ser considerados adeptos da “pós-verdade”?

O termo sofista é derivado do grego *sophos*, que significa sábio, ou ainda perito. Tal corrente filosófica tinha por finalidade precípua ensinar técnicas de persuasão aos jovens atenienses, de modo que estes pudessem discursar e expor suas opiniões sobre quaisquer assuntos. Eles foram responsáveis também por ensinarem técnicas de apresentação de defesas jurídicas, bem como de posições e opiniões sobre qualquer que fosse o assunto em discussão.

Como dito, alguns filósofos afirmam que os discursos dos sofistas eram vazios de conteúdo e também de argumentos. No entanto, eles também foram considerados os melhores mestres para transmitir os conhecimentos indispensáveis para um sucesso na carreira política no período compreendido pelo século V a.C, já que para isso era necessário ter uma boa oratória e eles, mais do que quaisquer outros sabiam como fazer isso muito bem. Convém mencionar ainda que eles recebiam o apoio de Péricles, estadista que governou Atenas no período acima mencionado, sendo considerado um dos principais líderes democráticos com elevado destaque no campo político¹⁴³.

Ironicamente, boa parte do que se sabe sobre os sofistas é fruto das obras de Platão, um dos críticos mais ferrenhos do movimento. Platão sugeria que os sofistas não se preocupavam com a verdade, talvez pelo fato de que a verdade dos sofistas divergia do modelo de verdade proposto por ele. Platão tenta mostrar que há uma divisão clara entre o verdadeiro e o falso, divisão esta que só é possível se partirmos da ideia de que as sensações

143 O termo política tem sua origem na palavra grega πολιτεία (politeía), cujo significado estava ligado aos atos e procedimentos relativos à *Pólis*, como eram chamadas as cidades-estados gregas. A função dos políticos nessa época, especialmente no século V a.C. era a busca pelo bem comum para a comunidade. Ocorre que, com o passar dos anos, o termo política vem se distanciando do sentido inicial empregado na Grécia Clássica. Hoje o termo política vem se aproximando cada vez mais da politicagem, ou seja, uma política baseada nos interesses pessoais do governante, na troca de favores, ou de realizações insignificantes.

não interferem em nossas crenças, como nos diz Casertano (2010, p. 43). Podemos exemplificar o posicionamento sofista com um julgamento no Tribunal de Júri. Por vezes, são proferidas algumas decisões não unânimes, ou seja, nem todos os jurados consideraram o réu culpado, por algum fato que lhe tocou, ou por acreditar que determinada conduta não seja passível de reprimenda. As escolhas, a noção de quente ou frio, de doce ou salgado estariam intimamente ligadas às nossas sensações e crenças.

Kerferd (2003, p. 13) inicia sua obra *O Movimento Sofista* lembrando seus leitores que a antipatia de Platão para com os sofistas é bem conhecida, mas apresenta que algumas vezes o que foi dito por ele pode não ter nos chegado de forma fiel, uma vez que Platão se refere aos sofistas de diferentes maneiras em suas obras, a exemplo do que ocorre nos diálogos *Górgias* e *Sofista*, onde o mesmo apresenta uma visão mais detalhada do que ele acreditava e defendia serem os sofistas.

De fato, ao analisarmos detidamente os diálogos de Platão em que são citados os sofistas, é possível ver uma diferença na percepção que o filósofo tinha daqueles que eram identificados como tais, como bem observa Sidgwick, ao afirmar *in verbis*:

Parece-me que os diálogos de Platão nos quais são mencionados sofistas entram naturalmente em dois grupos, e que, em cada um desses, aquele que é chamado de *sofista* apresenta um caráter forte e bem delimitado, tão diferente do de seu homônimo no outro grupo que, se não fossem chamados pelo mesmo nome, nenhum leitor jamais sonharia em identifica-los (MARQUES, 2017, p. 30).

O primeiro grupo seria formado por aqueles sofistas mais conhecidos, a exemplo de Protágoras, Hípias e Górgias, os quais possuíam um estilo bem diferente do adotado por Sócrates, uma vez que além de receberem por seus trabalhos como professores, famosos por sua retórica e poder de persuasão, eram adeptos de discursos longos. Já o segundo grupo, e aqui podemos citar como exemplo o sofista Isócrates, pode ser visto nos diálogos *Sofista* e *Eutidemo*, onde os métodos dos discursos empregados se assemelham mais ao empregado por Sócrates (perguntas e respostas)¹⁴⁴.

Convém destacar mais uma reflexão do professor Sidgwick a respeito desta diferenciação:

A diferença entre os tipos é surpreendente. O modo discursivo do sofista não é mais tão fortemente contrastado com o de Sócrates, mas torna-se, ao contrário, como diz o Prof. Campbell, “o imitador da refutação pretenciosa e vazia, temos uma dialética perversa e falaciosa” (MARQUES, 2017, p. 31).

144 O método de perguntas e respostas, também chamado de maiêutica, proposto por Sócrates, pretendia fazer com que seus alunos acessassem por si mesmo os conhecimentos sobre os temas levantados em seus diálogos. Na medida em que Sócrates faziam questionamentos simples e ingênuos, às vezes sobre coisas do cotidiano, os seus alunos eram levados a pensar e buscar as respostas para as perguntas propostas.

A má fama que foi atribuída a todos os sofistas ao longo dos anos, principalmente no início do movimento, fazia com que alguns pensadores da época evitassem fazer uso do termo *sofista* por receio dos olhares mais preconceituosos, a exemplo, como dito anteriormente, do olhar dado por Sócrates, segundo os escritos de Platão.

Henry Sidgwick descreve bem a problemática da equivocada imagem que fora desenhada sobre os sofistas ao atribuir a todos que fizeram parte desse movimento a pecha de charlatães. Vejamos:

A diferença é clara o suficiente para nós, que estamos acostumados a traçar origens de todo o desenvolvimento da filosofia a partir do germe fértil da disputa socrática. Mas, mesmo a partir no próprio Platão, podemos ver que seria muito menos claro para seus contemporâneos não filosóficos que o efeito dos questionamentos socráticos sobre um homem comum fosse exatamente esse espanto, essa perplexidade e a sensação de que tivessem sido apanhados pelo jogo verbal, que Platão descreve como o efeito da sofística erística. De qualquer modo, o sofista do *Sofista* e do *Eutidemo* é muito mais semelhante aos discípulos de Sócrates do que ao sofista do *Protágoras* e do *Górgias*. Portanto, enquanto o público não instruído, como vimos, englobava, sem mais, declamadores e disputadores como professores da arte do discurso, penso que o “ateniense inteligente” do Sr. Jowett seria muito mais capaz de captar a distinção entre os professores de discursos públicos, que mais ou menos pretendiam ensinar sabedoria política, por um lado, e os professores de disputa ética, por outro, do que seria capaz de apreciar as sutis diferenças que separavam Eutidemo e Dionisodoro das escolas socráticas (MARQUES, 2017, p. 33).

Neste sentido, Capizzi assevera:

Os sofistas foram homens que compreenderam e pegaram no ar essa nova situação, explorando o melhor possível a coincidência de interesses: os ricos burgueses tinham necessidade de gramática, para se exprimirem em boa linguagem; de retórica, para obterem consentimento; de dialética, para fazerem valer suas boas ou más razões, e, por outro lado, tinham bastante dinheiro para comprar essas técnicas aos sábios. (MARQUES, 2017, p. 82)

Kerferd resume a questão dos sofistas do seguinte modo: “as acusações realmente reduzem-se a duas: primeiro que os sofistas não eram pensadores sérios e não tinham papel nenhum na história da filosofia e, segundo, que seus ensinamentos eram profundamente imorais” (KERFERD, 2003, p. 17).

Insta registrar que Sócrates, apesar de ser um dos críticos do movimento sofista, era considerado por muitos atenienses como um representante deste movimento filosófico. Inclusive, os motivos que levaram a sua morte contêm traços dos atos que eram praticados por alguns sofistas, conforme explicita Kerferd:

A acusação formal de impiedade feita com sucesso contra Sócrates, em 399 a.C., alegava que ele era culpado de não aceitar os deuses que a cidade aceitava, de

introduzir outras divindades estrangeiras e de corromper os jovens. Platão, na Apologia (19b2-c1, 23d5-7), afirma que por trás das acusações formais estavam preconceitos populares, segundo os quais Sócrates estava ocupado com especulações físicas, não acreditava nos deuses, tornava melhor o pior argumento e ensinava essas coisas aos outros. Embora essas acusações sejam negadas por Sócrates em sua defesa, é lá também abertamente admitido que jovens das classes mais ricas iam a ele espontaneamente, sem qualquer pagamento, e depois passavam a aplicar o que aprendiam com ele em debates com outros.

Fica assim claro que Sócrates era geralmente considerado parte do movimento sofista. Mediante sua notória amizade com Aspásia, é provável que estivesse em contato bem íntimo com o círculo de Péricles, e seu impacto intelectual e educacional sobre os jovens ambiciosos em Atenas era tal que foi, nessa função, corretamente considerado sofista. O fato de não receber pagamento não altera em nada a sua função (KERFERD, 2003, p. 98-99).

E segue:

Diferentemente dos platônicos, diz Aristóteles, Sócrates não separava os universais ou as definições das coisas às quais se aplicavam. Mas isso também se ajusta muito bem ao retrato de outros, entre os sofistas, que também se ocupavam com a busca do *logos* mais forte ou o *logos* correto em relação às afirmações conflitantes de *logoi* aparentemente opostos. É deste ponto de vista que proponho que Sócrates deva ser tratado como tendo um papel a desempenhar *dentro* do movimento sofista (KERFERD, 2003, p. 99-100).

Ésquines, o orador, se referia a Sócrates como sofista, assim como também o fez Aristófanes em sua obra *Nuvens*. Muito “embora ele não aceitasse nenhum pagamento e seja constantemente apresentado por Platão como o oponente inveterado dos sofistas” (GUTHRIE, 2007, p. 36).

Henry Sidgwick também nos mostra essa visão do Sócrates sofista:

Mesmo o mais leve tom de desaprovação é suficiente para fazer com que o indivíduo e seus amigos evitem tal termo: tal como vemos acontecer com o uso dos termos “advogado” e “procurador”. Portanto, é muito provável que discípulos do sábio martirizado e aqueles que aprenderam com eles nunca tenham chamado Sócrates de sofista. Mas que o público ateniense o tivesse considerado como tal, inteligentemente ou não, é certamente inegável [...] Os atenienses viam Sócrates como o mais popular e notável entre os professores a quem os jovens recorriam, com o objetivo confesso de aprender a virtude ou a arte da conduta, e com o ainda mais evidente resultado de aprender uma perigosa destreza nos discursos; enquanto tal, eles o chamavam de sofista. (MARQUES, 2017, p. 26).

KERFERD (2003, pg. 99-100) afirma que Sócrates, tal como os demais sofistas se preocupavam com a busca do *logos*, é que ele parece se encaixar como integrante do movimento.

Não há como se falar dos sofistas sem mencionar a visão que Platão nos passa que Sócrates tinha deles no sentido de que os sofistas eram homens que não estavam intimamente ligados com a verdade, seu compromisso era com a ilusão, a aparência, a opinião, e por que

não falar da mentira? Em um trecho do *Sofista*¹⁴⁵ e do *Fedro*¹⁴⁶ essas impressões ficam bem claras.

Para Sócrates, os sofistas possuíam uma capacidade de modificar a percepção da realidade dos ouvintes por meio da persuasão. Ele defende também a ideia de que a experiência e os fatos devem funcionar como barreira contra as mentiras deliberadas dos sofistas e que os mais jovens, justamente por não terem tanta vivência, eram os seus maiores alvos.

Sócrates afirma ainda que o fato de os sofistas não estarem preocupados com a realidade, implicaria em afirmar que eles não tinham condições de ensinar, transmitir conhecimento para outrem. Ainda de acordo com Sócrates, “O sofista unicamente persuade. Mas dessa persuasão só “nasce a crença sem o saber” (Górgias, 454e)”¹⁴⁷.

Além dos filósofos antigos, alguns modernos também criticaram o movimento sofista, a exemplo de Francis Bacon, em seu *Novum Organum*, alegando que os sofistas excediam na erudição e que suas afirmações não decorriam de “princípios verdadeiros”.

Antes de adentrarmos ao tema da verdade para os sofistas, insta esclarecer que como em qualquer ramo/profissão, existem os bons e os ruins. De modo que não seria justo colocar a pecha de charlatões e mentirosos sobre todos os sofistas. Conforme mencionado, até Platão, um dos maiores críticos do movimento, sabia que deveria haver essa separação/diferenciação.

Impende destacar que a visão de que os sofistas não passavam de enganadores vem passando por mudanças profundas e o início dela se deu com Hegel, em suas *Conferências sobre história da filosofia*, como nos traz Kerferd¹⁴⁸. Depois dele, vários outros escritores a exemplo de Grote¹⁴⁹, Zeller¹⁵⁰, Nestle¹⁵¹, Guthrie¹⁵² e Unterteiner¹⁵³ passaram a dar novas visões a respeito do movimento sofista, uma visão deveras bem diferente daquela empregada na Grécia Antiga.

145 Sofista, 233c: “só possui um conhecimento aparente sobre todas as coisas; não possui a verdade”.

146 Fedro, 260a “Pois a persuasão vem das aparências, não da verdade”.

147 Apostila A Atenas de Sócrates como cenário de pós-verdade? Persuasão vs. logos nos Diálogos platônicos. Sergipe. 2020.

148 KERFERD, 2003, p. 17.

149 Para Grote, os sofistas eram mestres que se representavam tão somente as opiniões da sua época. (KERFERD, 2003, p. 21).

150 No dizer de Zeller, provavelmente não haveria uma filosofia socrática sem os sofistas. (KERFERD, 2003, p. 23).

151 De acordo com Nestle, os sofistas se ocupavam em estudar o homem em sociedade. (KERFERD, 2003, p. 23).

152 Guthrie apresenta o contraste o empirismo e o ceticismo dos sofistas com o idealismo proposto por Platão. (KERFERD, 2003, p. 25).

153 Segundo Untersteiner, os sofistas apresentam uma realidade que pode viver perfeitamente com suas contradições, a realidade é apresentada como algo que não pode ser engessado. (KERFERD, 2003, p. 25).

Convém registrar que os sofistas não estavam “contra a verdade”. Muito pelo contrário, eles pretendiam explicar que a verdade não é eterna e que não é algo que possa ser demonstrado por sábios ou profetas. Há muito se acreditou que o fim do mundo iria ocorrer no ano 2000, em razão de uma previsão feita pelo Profeta Nostradamus. Felizmente, ainda estamos aqui e comprovando que a verdade, a certeza sobre determinada coisa, não é algo que não se possa um dia ser refutado.

A verdade para os sofistas era formada pela combinação de fatos e realidades que chegam a cada homem, levando em consideração sua idade, suas condições físicas e emocionais, assim como o momento histórico ao qual estava inserido. A realidade e o homem não são estáticos, e isso se dá pela experiência do sensível, as sensações que fazem com que o homem se relativize. O exemplo do vento que sopra frio para um e para o outro não sintetiza de forma clara esta afirmação¹⁵⁴.

Conforme defendido por Protágoras, não há que se falar em discurso falso, uma vez que cada um diz o que é verdadeiro para si a partir de como as coisas ou os fatos lhe chegaram. Para Protágoras, sobre cada assunto existem dois ou mais modos de visão, ou seja, dois ou mais modos contrários de se ver a mesma coisa. E era justamente isso que ele ensinava a seus alunos: ver os dois pontos de vista e atacar o que aparentava mais frágil. Podemos ver isso em um julgamento no tribunal, por exemplo, onde todos os fatos e as provas são apresentados ao júri, e ainda assim dificilmente não presenciamos um julgamento unânime.

Era essa dubiedade da percepção da realidade que tanto Platão, como Aristóteles não aceitavam e que se tornou um dos pontos cruciais de suas críticas aos sofistas.

Segundo os sofistas, a ideia de realidade pode ser algo diferente daquilo que está sendo pronunciado, pois a realidade em si passou por deformações no momento em que entrou em contato com o pensamento do orador e também do ouvinte. Em razão disso é que nem todos conseguem persuadir a sua plateia, posto que a mensagem não é captada por todos da mesma maneira. As crenças e os sentimentos que cada um carrega consigo, são fortes elementos que influenciam o agir e o pensar humano.

Como dito, a concepção do que está sendo veiculado não chega à mente de todos de forma uníssona. Ainda que se faça uso de argumentos lógicos para se demonstrar a “verdade”, o estado da pessoa no momento em que ela recebe a informação, assim como a opinião, pode levá-la ao engano, conforme bem explicitado por Kerferd:

154 Discussão presente no diálogo de Platão *Teeteto* (152,b).

O que comunicamos ao nosso próximo nunca é “essas coisas reais”, mas apenas um *logos* que é sempre outra coisa diferente das coisas em si mesmas. Nem é mesmo o discurso, diz Górgias, que revela a realidade externa: é o objeto externo que fornece informação sobre o *logos*.

Conclui-se daí, que Górgias está introduzindo um fosso radical entre o *logos* e as coisas às quais ele se refere. Uma vez reconhecido esse fosso, podemos compreender muito facilmente o sentido em que todo *logos* envolve uma falsificação da coisa à qual se refere – ele jamais conseguira, segundo Górgias, reproduzir, em si mesmo, por assim dizer, aquela realidade que está irreparavelmente *fora* dele. Na medida em que afirma reproduzir fielmente a realidade, não passa de engano ou *apatē*. Todavia, essa é a afirmação que todo *logos* prece fazer. Portanto, todo *logos* é, nessa medida, Engano; e no caso da literatura, como na tragédia, por exemplo, tirou-se a interessante conclusão de que o homem que engana é melhor do que o homem que não consegue enganar (KERFERD, 2003, p.139-140).

E prossegue, ao tratar da influência do *logos* para se alcançar o conhecimento do que seria verdadeiro para a situação que fosse apresentada:

De novo nos é dito (par. 35) que se possível que a verdade sobre as coisas se fizesse pura e clara, por meio dos *logoi*, para aqueles que ouvem, o julgamento seria fácil, pois se seguiria diretamente das coisas que foram ditas. Mas não é esse o caso. O que é preciso é prestar atenção, não aos *logoi*, mas aos fatos reais. Antes do discurso, Conhecimento do que é Verdadeiro é contraposto à Opinião (par. 24), e se diz que o *logos* por si mesmo é inconclusivo a menos que se aprenda também da própria Verdade mesma (par. 4). Finalmente (par.33) Palamedes declara sua intenção de expor o que é verdadeiro e de evitar engano no processo.

Com base nessas indicações, é possível discernir um modelo conceitual comum subjacente o argumento, tanto no *Helena* como no *Palamedes*. De um lado está o mundo real, rotulado como verdade ou aquilo que é verdadeiro. A cognição desse mundo real é conhecimento. Mas o estudo cognitivo mais comum é opinião. Ambos são falsos, em contraste com verdade e conhecimento. Mas é possível apelar dos enganos do *logos* e da opinião, para o conhecimento e a verdade. O efeito desse apelo, embora providencie conhecimento, não remove o incurável caráter falso do *logos*, visto que o *logos* não pode nunca *ser* a realidade que pretende expor. Todavia, há dois tipos de *logoi* – um melhor, e um pior do que o outro. (KERFERD, 2003, p.140-141).

Untersteiner segue a mesma esteira de raciocínio:

Sendo assim, a palavra não pode demonstrar o verdadeiro, isso é puro ideal. Na realidade, se *logos* pode servir tanto a quem apresenta uma tese, como a quem apresenta uma antítese (§§22-24 e 25-26); se, portanto, nem todos os conteúdos do pensamento, como já se disse, existem sem que, na realidade, um conteúdo seja diferente de outro sob o aspecto gnosiológico, é bem natural que, mesmo quando se visa à verdade, mas imposta pelo *καυός*, deva se negar aos *lógois* a possibilidade de comunicar esse verdadeiro que não é, em última análise, unívoco. (UNTERTEINER, 2012, p. 211-212).

Desta forma, podemos concluir que para os sofistas a verdade vem do *logos*¹⁵⁵, porém, temos que ter em mente que o *logos* se apresenta de diferentes formas para cada pessoa, posto que, como demonstrado anteriormente, ele sofre a interferência das experiências e sensações ao entrar em contato com o íntimo do ouvinte. O *logos* é capaz de agir na opinião (*doxa*), já que esta não é conhecimento.

Para Górgias, o discurso só é enganoso quando se esbarra na opinião, isso porque a opinião tem como base o ouvir dizer e não a experiência dos fatos. Górgias via o discurso como algo bom e construtivo, desde que fosse pautado na moralidade, qualidade esta que só poderia ser percebida pela intenção e conhecimento do orador.

O sofista em comento afirma ainda que um discurso pode ser verdadeiro mesmo que não transmita algo, e, por outro lado, pode ser falso na medida em que é baseado em mentiras ou lembranças de algo que de fato não ocorreram como acessados, ou ainda se baseado em temas que perpassam a vida humana. E é justamente aqui que separamos os sofistas da pós-verdade. Por vezes, em encontros familiares, alguém suscita alguma lembrança de fatos passados há alguns anos, e não raro aparece algum fato de que somente o comunicador se recorda. Ora, seria mesmo uma recordação? Górgias nos diz que não. E mais: atesta que essa suposta recordação é falsa. Mas para a pós-verdade, essa lembrança poderá vir a ter um caráter de verdade, na medida em que ela cativa seus ouvintes.

Uma das principais características da pós-verdade é a tentativa de induzir as pessoas a erro, na medida em que utilizam os mais variados artifícios para modificar a realidade de algo já conhecido senão por todos, pelo menos pela maioria da população. Ultimamente o mais utilizado é a rede mundial de computadores.

A intenção dos sofistas não era enganar, mas demonstrar que era possível ter dois modos de se ver a mesma coisa e isso era demonstrado por meio de seus discursos. Já a pós-verdade, sim. Ela “cria uma realidade paralela” para atingir fins específicos, tais como vencer eleições ou manchar a reputação de determinada pessoa. A sua finalidade precípua é levar o interlocutor a erro.

Ademais, os sofistas seriam os únicos a serem prejudicados com a propagação da ideia de que eles faltavam com a verdade. Então por que insistiriam em agir de tal modo? O que ganhariam com isso? Pelo contrário, pois com certeza isso acarretaria na perda de seus

155 A palavra grega *logos* possui uma série de significados. Seus principais usos dizem respeito a três áreas a saber: a primeira é a da linguagem, onde recebe o significado de fala, discurso, declaração. E é neste sentido que o *logos* é empregado pelos sofistas. A segunda está na área do pensamento, significando, portanto, reflexão, raciocínio, explicação. Por último, temos o *logos* na área do mundo, tratando especificamente sobre a capacidade que os homens possuem de falar e pensar, a exemplo da criação de princípios, fórmulas e leis naturais.

preciosos alunos, fonte de sustento de muitos sofistas, a exemplo de Górgias, que segundo contam alguns estudiosos do movimento, conseguiu juntar grande soma de riquezas pelos pagamentos que lhe eram feitos em troca de suas aulas.

Os sofistas em seus discursos não inventavam fatos ou situações. Eles falavam aos atenienses tomando por base o cenário que estava visível e demonstrável a todos. Registre-se que não existia uma vontade deliberada de ganhar vantagens ou prejudicar terceiros, como ocorre com aqueles que recorrem à pós-verdade para atingir seus fins, a exemplo do que se viu na disputa eleitoral para o cargo de presidente da república no ano de 2018.

Considerações finais

Como dito, Platão e Sócrates eram críticos dos sofistas, mais precisamente das técnicas de persuasão que esta corrente filosófica utilizava, pois eles acreditavam que tais técnicas levavam as pessoas a acolherem falsas crenças. Especialmente com relação a Sócrates convém lembrar, como ficou demonstrado, que muitos atenienses o identificavam como um sofista.

Ainda segundo Sócrates, os sofistas não eram afeitos à verdade, já que promoviam a sua relativização por meio de seus discursos que tinham por finalidade convencer o maior número de pessoas sem se importar como a ligação que deveria ter entre a realidade e o que estava sendo comunicado. E cabe-nos neste ponto questionar: seriam então os sofistas os precursores da pós-verdade?

Não me parece que seja o caso. Ainda que se considere que tanto os sofistas, como a pós-verdade se utilizem de alguns elementos similares para persuadir seus interlocutores, tais como as emoções, desejos e crenças, os fins para os quais se fazem uso da pós-verdade, bem como os meios de sua veiculação são bem diferentes. A pós-verdade tem abusado das redes sociais e da rede mundial de computadores de uma forma geral, para se espalhar numa proporção e velocidade até então inimagináveis.

Além, é claro, de tudo que já foi explicitado anteriormente, a pós-verdade tenta incutir nas pessoas uma “verdade” que não se sustenta em evidências, ao contrário do que era explicitado por alguns sofistas, a exemplo, mais uma vez, do dito de Protágoras sobre o vento. Segundo este conto, o mesmo vento pode soprar frio em uma pessoa e em outra não. De fato, uma pessoa pode sentir frio e outra não. Veja que aqui o sofista utiliza as sensações para explicitar seu conceito de verdade.

Resta claro que o emprego das emoções para o sofista e para a pós-verdade está em lugares e finalidades distintos. A pós-verdade como já demasiadamente dito, incita a distorção da realidade, manipula a crença das pessoas por meio das emoções para atingir um fim, na maioria das vezes obscuro.

Quem acredita em “falsas verdades”, de alguma forma foi tocado em seu íntimo, de modo que teve seus sentimentos despertados, encontrando abrigo nessas crenças enganosas. Se isso não ocorresse, talvez o termo pós-verdade nem tivesse sido pensado. Bacon, em seu *Novum Organum*, nos alerta para isso:

[...] contudo, quando a mente humana perde a esperança de achar a verdade, perde seu interesse pelas coisas; daí resulta que os homens passam a preferir as disputas e os discursos amenos, distantes da realidade, em vez de se comprometerem com rigor na investigação. Contudo, como disse a princípio e sustento sempre, os sentidos e o intelecto humano não hão de ser desmerecidos em sua autoridade devido a sua fraqueza, mas, ao contrário, devem ser providos de auxílios (auxílios). (apostila *Novum Organum* ou Indicações verdadeiras respeito da interpretação da Natureza Francis Bacon, 1620, pg. 29).

Voltando o olhar para Sócrates, levando em consideração que ele não só não se considerava um sofista, mas também se dizia um crítico deste movimento, poderíamos então dizer que estaríamos diante da primeira “vítima” da pós-verdade?

O fato é que se uma pessoa diz não pertencer a um grupo e ainda assim pessoas afirmam com veemência que esta se encaixa em determinado grupamento, contrariando o que a própria “vítima” diz a respeito, e mais, se a população passa a acreditar na versão “criada”, a exemplo do que supostamente teria ocorrido com Sócrates, temos que isso parece ser pós-verdade. Mas para chegarmos a um veredicto sobre essa questão, apenas uma investigação histórica poderia nos responder com precisão. Mas se tal fato era ou não pós-verdade, certamente não foi obra dos discursos dos sofistas.

A pós-verdade tem ocasionado uma infinidade de malefícios para a sociedade que talvez não possam ser reparados. O fenômeno da pós-verdade vem criando uma falsa noção de verdades absolutas que agradam grupos específicos, provocando um distanciamento e abismo social. A respeito disso, Giovanni Casertano:

[...] o primeiro ajuntamento em comunidade não é de per si garantia da possibilidade de uma vida humana: a simples união de mais indivíduos, cada qual com suas verdades, os seus impulsos, as suas tendências particulares, não produz uma verdadeira sociedade. Para que esta instaure, é preciso de algo mais, a consciência da comum condição humana e da necessidade de harmonizar-se impondo-se vínculos comuns, úteis à vida da cidade e, por isso mesmo, à convivência humana. *Aidós* e *dike*, respeito e justiça, que devem estar presentes em todos os cidadãos, justamente porque não constituem uma técnica como as artes, são a condição necessária para que aquele animal de aspecto humano se torne verdadeiramente

animal social: eis por que quem não os possui deve ser expulso e morto como “peste da cidade” (CASERTANO, 2010, p.84).

Os discursos de ódio, a polarização política, o retorno de vários pensamentos racistas que pareciam estar enfraquecidos estão sendo potencializados e se espalhando com muita ferocidade por todo mundo, mas especialmente em países cujos representantes estão mais aliados a um projeto de governo que não se importa com as minorias e que tem a pós-verdade como seu braço direito, a exemplo do presidente dos EUA, Donald Trump, e do Brasil, Jair Bolsonaro.

A pandemia da COVID-19 deveria ter trazido o sentimento de união e a busca pela verdade, pela ciência. Mas não é o que vem ocorrendo. A verdade está cada vez mais perdendo seu espaço e com ela a esperança de um futuro melhor e mais igualitário para todos.

O fato é que a difusão da pós-verdade nos leva a uma triste constatação: ao passo em que as pessoas escolheram se informar por meios de comunicação abertamente manipuladores, que seriam as redes sociais, elas optaram por, ao mesmo tempo, não crerem em quase nada, e crer quase em tudo.

Referências bibliográficas

- CASERTANO, Giovanni. *Sofista*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2010.
- D'ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: as novas guerras contra os fatos em tempos de fake news*. 1 Ed. Tradução de Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- GUTHRIE, W. K. C. *Os Sofistas*. 2 ed. Tradução de João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 2007.
- KAKUTANI, Michiko. *A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump*. 1 Ed. Tradução de André Czarnobai, Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018
- KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)*. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2007.
- PLATÃO. *Diálogos II: Górgias (ou da retórica), Eutidemo (ou da disputa), Hípias Maior (ou do belo), Hípias Menor (ou do falso)*. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2007.
- MARQUES, Marcelo P. (org), *Filosofia dos Sofistas: Hegel, Capizzi, Versényi, Sidgwick*. Tradução de Verlaine de Freitas et al. São Paulo: Paulus, 2017.
- Apostila Pós-verdade. São Cristóvão: [s.n], 2020.
- MENNA, Sergio Hugo. “A Atenas de Sócrates como cenário de pós-verdade? Persuasão vs. logos nos Diálogos platônicos”. São Cristóvão: [s.n], 2020.

Apostila Psicologia da pós-verdade [coletânea de textos]. São Cristóvão: [s.n], 2020.

UNTERSTEINER, Mario. *A obra dos sofistas: uma interpretação filosófica*. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2012.